



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A MÍSTICA NO MST ENQUANTO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO DE REVIGORAÇÃO DE LUTA

Gilvan dos Santos Sousa*
(UESB)

Arlete Ramos dos Santos**
(UNESP)

RESUMO

Neste artigo analisamos inicialmente o papel protagonizador dos movimentos sociais no que tange ao processo de lutas e conquistas para a transformação da sociedade brasileira, bem como a função pedagógica da mística para o e Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Este trabalho foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica a partir de artigos e teses relacionadas ao tema. No que se refere ao processo educativo, a proposta do MST aponta para uma práxis cotidiana que promova a interação mundo/educação, como veículo ou instrumento de apropriação dos conteúdos significativos no espaço escolar. Concluímos que além de ser a celebração da socialização, a prática e vivência da mística fortalece os valores do Movimento e alimentam as esperanças dos envolvidos, como militantes e demais integrantes. A mística no movimento está ligada a uma utopia, a busca de *um por vir que* está distante. Dessa forma, o MST procura fazer com que os trabalhadores compreendam que o sonho é necessário, bem como a manutenção da esperança de materialização da luta e conquista pela terra, muitas vezes sinônimo de dignidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mística. Movimento Sem Terra. Movimentos sociais.

* Pedagogo pela UESB; Especialista em Gestão, Coordenação e orientação Pedagógica pelo Instituto Prò-Saber; Graduado em Artes pela UNIMES; Especialista em Artes Visuais; Professor da rede municipal de Vitória da Conquista-Ba.

** Pós-doutoranda em Movimentos Sociais pela UNESP; Doutora e Mestre em Educação pela FAE/UFMG; Profª Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz; Coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Ciências Humanas – CEPECH; Coordenadora do Grupo de Estudos Movimentos Sociais, Diversidade Cultural e Educação (UESC), com registro no CNPQ.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está dividido em duas partes, sendo que a primeira traz uma análise sobre os movimentos sociais e sua luta no Brasil, argumentando-se a partir de pedagogia freireana e da teoria marxista.

A segunda parte descreve as práticas e representações da Mística no MST, cujo objetivo é compreender a mesma como ferramenta no aprofundamento do sentido dos seus objetivos, como: mobilizar, educar e politizar os sujeitos Sem Terra, além de contribuir para o processo de discernimento da identidade cultural e unidade ideológica dos militantes.

OS MOVIMENTOS SOCIAIS COMO VETORES DE MUDANÇAS NA SOCIEDADE

Vivemos em uma sociedade onde predominam os interesses da classe dominante e a divisão de classes, evidenciadas nas correlações de forças que se formam no bojo das representações sociais. Neste cenário notamos, com base em Freire (1987), a existência de oprimidos e, por sua vez, opressores, que adequam o sistema de acordo com suas conveniências. Assim, a opressão passa por modificações, segundo a necessidade do sistema vigente. Diante disso, não podemos fechar os olhos para a existência de dois grupos, quais sejam: um que oprime e outro que é oprimido. Pois segundo Freire,

Somente quando os oprimidos descobrem o opressor e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho da reflexão, para que seja práxis. (1987, p. 52)

Dessa forma, é preciso reconhecer a verdadeira natureza da sociedade e das leis que serviram de base ao seu desenvolvimento escravizador e, é preciso que os atores



envolvidos (oprimidos) consigam ver isto com criticidade. Sendo assim, por meio da luta de classes, busca-se restaurar as suas subjetividades, seus direitos de humanidade e liberdade, até então reprimidos pela classe dominante hegemônica. Pois uma sociedade mais justa depende muito da consciência dos setores prejudicados e da liberdade de movimentos que eles possuem.

A história confirma que todas as vezes que a classe oprimida tomou consciência da opressão essa consciência trouxe-lhes modificações e melhorias. No que se refere à consciência do oprimido, Freire (1987, p. 52) afirma que a mesma se encontra geralmente, dentro de um mundo mágico e mítico, atribuindo ao destino, à sina, a vontade de Deus, a causa da opressão. Dessa forma, essa causa adquire um caráter mítico, a mudança torna-se irrealizável e a heteronomia não é superada. É nessa realidade que os movimentos sociais assumem um caráter educacional relevante, pois, a partir deles, os oprimidos tomam consciência e se organizam em busca de efetivas mudanças.

Segundo Marx (1997, p. 158), “a superação dessa situação por ser sofrida coletivamente, só pode ser superada coletivamente, pois: o trabalhador só tem consciência da própria alienação, e só pode agir contra ela, enquanto classe”. Para Marx (op. cit.), somente a luta de classes pode proporcionar a evolução da humanidade. Podemos tomar como exemplo a Revolução Francesa, a qual, conforme relata Hobsbawm (1996), foi organizada com o consenso da classe denominada: “a burguesia”. Não havia “líderes”, mas, ideologias que sustentavam a necessidade da ação contra o Antigo Regime.

Ao revisitar a literatura sobre os primórdios da humanidade, a exemplo das citações de Darwin sobre a evolução da espécie, observamos que a origem da desigualdade social na humanidade está fortemente ligada à relação de poder e está presente desde o início dos tempos, motivada pela lei popularmente conhecida como “lei do mais forte”.

Desde a antiguidade o homem primitivo teve seu lugar de destaque constituído através da força e da inteligência. Muitas vezes por meio de combates, de ações mais



elaboradas, ou o uso mais bem direcionado das aptidões descobertas, estabelecendo, assim, o domínio e liderança sobre os demais. Tal fato gerou as primeiras relações de desigualdade social que perduram até hoje no mundo. Desde a pré-história, aqueles que detinham maiores habilidades subjugavam seus semelhantes e, como consequência, detinham as melhores partes da caça, as habitações, enfim, o que tinha de melhor. Ao passo que outros eram fadados a morrer de fome ou durante os enfrentamentos, com os mais fortes e inteligentes, estabelecendo as desigualdades físicas e sociais.

Com o passar dos séculos houve a evolução da humanidade, as relações de desigualdades sociais aumentaram e foram se adaptando às mudanças na sociedade. Com o surgimento das relações comerciais, essas desigualdades foram se tornando bem mais complexas e crescentes, principalmente, com o aparecimento e consolidação do capitalismo.

Segundo pesquisas já realizadas, a exemplo de..., o Brasil é um país de grande contraste social, e apesar de ser rico em recursos naturais e ter um PIB (Produto Interno Bruto) que está entre os 10 maiores do mundo, vem se consolidando como um país extremamente injusto no que diz respeito à distribuição de renda, onde uma pequena parte da população é muito rica, enquanto a outra vive na pobreza e na miséria.

Podemos notar de acordo com Karl Marx (1987, p.96) que cada sociedade ou estrutura social tem como cenário um contexto histórico no qual estaria posto um conflito entre classes, o qual se torna uma ferramenta fundamental para a ação com fins de intervenção e mudança daquela mesma estrutura. Tais “mudanças na sociedade ocorrem a partir da ebulição dos movimentos sociais: contra o capital e o Estado.” (Ibidem). Percebemos então que os movimentos sociais foram e são de extrema importância, pois através das mobilizações conseguiram muitas mudanças, reivindicando transformações, mostrando a insatisfação do povo com as medidas adotadas por governantes, além de cobrar políticas voltadas ao povo, quando necessário.

Ao analisarmos a história, percebemos que os movimentos sociais no Brasil têm sua trajetória marcada pelos grandes embates realizados contra os governos autoritários, principalmente, nas lutas pela liberdade e democracia.



Na década de 1950, os movimentos sociais nos espaços rural e urbano começam adquirir visibilidade, ganhando importância a partir da década de 1960, quando surgiram os primeiros movimentos de luta contra a política vigente, ou seja, a população insatisfeita com as transformações ocorridas, tanto no campo econômico e social. A partir de 1980, acontece um período considerado como inspiração no que diz respeito à ideologia que movia mentes e corações de seus militantes sociais.

Nos anos 1990, o Brasil se encontrava no auge do Neoliberalismo, influenciado diretamente por Ronald Reagan e Margareth Thatcher. É nessa referida época que o cotidiano dos movimentos sociais passa a ser marcado pelas lutas contra os governos FHC, devido ao sucateamento do aparelho estatal, as privatizações, a falta de respeito aos trabalhadores e as trabalhadoras do Brasil, e de todos os traços básicos de um governo que não dialogava com os movimentos sociais. Pois estava do lado das elites brasileiras e internacionais em nome do capital privado, sem considerar o povo que vivia à margem da “democracia.”

Muitos foram os movimentos de lutas que se organizaram por um país mais justo. Dentre as ações coletivas mais conhecidas no Brasil, destacamos: os movimentos em defesa dos índios, negros e das mulheres, o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MSTS) e os movimentos em defesa dos índios, negros e das mulheres, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), estudado de uma forma mais específica, neste trabalho.

A mística enquanto suporte metodológico na educação do MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mais conhecido como Movimento dos Sem Terra - MST é um movimento de massa que luta, basicamente, por terra, pela reforma agrária e por mudanças na sociedade (SANTOS, 2013). Surge com as lutas pela terra no sul do Brasil, destacando-se as ocupações das Fazendas Macalli e Brilhante, em 1979, no Rio Grande do Sul; da Fazenda Burro-Branco, em Santa Catarina e da Fazenda Primavera, em Andradina, São Paulo, ambas em 1980. Também, no Rio Grande do Sul, em 1981, 700 famílias acamparam em Encruzilhada Natalina, município de Ronda Alta.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

O primeiro Encontro Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra contou com a participação de representantes de doze estados, aconteceu nos dias 21 a 24 de janeiro, de 1984, no qual o Movimento se constituiu definitivamente como um movimento nacional. O 1º Congresso Nacional, foi realizado em Curitiba, Paraná (29 a 31 de janeiro de 1985), quando 23 estados brasileiros estiveram representados através de 1.500 delegados. A decisão política adotada nesse Congresso, com o objetivo de se alcançar a reforma agrária de forma mais eficiente no Brasil foi a realização de ocupações, e como palavras de ordem adotaram: “Reforma Agrária na Lei ou na Marra!” e “Sem Reforma Agrária não há Democracia!”.

Os estados nordestinos começaram a se integrar ao Movimento em 1986. A primeira ocupação na região ocorreu em 1987, na Fazenda Projeto 4045, em Alcobaça, na Bahia.

No que se refere aos símbolos, temos a bandeira e o hino do MST¹ que foram aprovados, respectivamente, no Terceiro Encontro Nacional, em 1987, e no II Congresso, realizado em Brasília, em 1990.

Dentre as bandeiras de luta do MST, a educação se destaca com grande relevância por fazer parte da formação político-ideológica dos militantes.

Enquanto seres humanos, estamos em eterno processo de socialização e aperfeiçoamento, que vão desde os atos que se enquadram nos comportamentos instintivos, aos padrões de comportamento social. Assim, a escola possui como um dos principais desafios, educar os sujeitos para o exercício pleno de sua cidadania, haja vista, que a educação é um processo de transmissão de culturas, conhecimentos e saberes, sejam eles de maneira informal, através da família e da sociedade de um modo em geral;

¹Como seus objetivos gerais, o MST ressalta: A construção de uma sociedade sem exploração e sem explorados, com supremacia do trabalho sobre o capital; A luta para que a terra esteja a serviço de toda a sociedade; A garantia de trabalho para todos e a justa distribuição da terra, renda e riquezas; A busca permanente da justiça social e da igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais; A difusão de valores humanistas e socialistas nas relações sociais; O combate a todas as formas de discriminação social e a busca da participação igualitária da mulher.



e de maneira formal, com aspectos e conhecimentos científicos bem como métodos e práticas pedagógicas.

No que se refere ao processo educativo, a proposta do MST aponta para uma práxis cotidiana que promova a interação mundo/educação, como veículo ou instrumento de apropriação dos conteúdos significativos no espaço escolar. Para Caldart,

A relação do MST com a educação é, pois, uma relação de origem: a história do MST é a história de uma grande obra educativa. [...] Se recuperarmos a concepção de educação como formação humana é a sua prática que encontramos no MST desde que foi criado: a transformação dos 'desgarrados da terra' e dos 'pobres de tudo' em cidadãos dispostos a lutar por um lugar digno na história. É a educação que podemos ver em cada uma das ações que constituem o cotidiano de formação da identidade dos sem-terra do MST. (2001a, p. 20).

Para o MST, a educação deve ser pensada como um processo de socialização e de transformação da cultura, através da "construção e a desconstrução" da identidade dos trabalhadores e trabalhadoras militantes. Caldart afirma ainda:

Apenas a luta pela terra não transforma o sujeito em cidadão, se nós também não tivermos acesso à educação. É por isso que Movimento Sem Terra compreende que deve existir um casamento necessário entre a conquista da terra e a conquista da educação. (CALDART, 1997, p.25).

Frente a essa demanda, o Movimento procura pensar a educação a partir da visão de mundo e das necessidades de seus militantes, sejam acampados ou assentados, concepções gerais relacionadas à vida humana. Enfim, uma proposta de educação com princípios pedagógicos e filosóficos próprios, cujo objetivo principal é conscientizar os sujeitos de seus direitos bem como de seus deveres e obrigações; e assim exercer sua condição plena de cidadão. Arenhart(2007) ao se referir às infâncias nos assentamentos descreve que:



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A educação escolar é viabilizada em todas as idades. A presença da pedagogia do MST visa à formação da identidade coletiva sem-terra. As mobilizações, a conquista da escola, a perspectiva cooperada no trabalho, a experiência das místicas são elementos centrais do processo educativo, em que a memória assume papel fundamental a partir do resgate da narrativa. Os pais contam aos filhos o que viveram, sonharam, temeram e conquistaram. A mística aproxima-se da memória no contexto do MST como crença ou sentimento arraigado de devotamento a uma ideia (ARENHART, 2007, p. 66).

Percebe-se a partir daí o grande desafio das escolas de assentamento: garantir acesso à educação formal, com o objetivo de garantir a educação dos sujeitos, bem como transformá-la num instrumento difusor da cultura, da identidade e dos anseios dos trabalhadores sem-terra.

Cabe observar que mesmo com presença dos partidos de esquerdas no poder e presença de militantes em algumas das estâncias governamentais, o Movimento ainda trava juntos às secretarias de educação e às prefeituras, lutas para terem o direito a educação de qualidade dentro dos assentamentos, uma educação configurada por eles e para eles, forjada em movimento com a base social, tendo como princípio a discussão sobre a importância da luta pela terra e da reforma agrária, em busca de uma sociedade mais justa, onde os homens tenham seus direitos garantidos e suas necessidades atendidas (SANTOS, 2013).

Sabemos que a práxis do MST se constitui a partir de suas experiências práticas, sustentadas em saberes e símbolos que culminam em práticas sociais tornando-se um diferencial, no cotidiano da militância. Segundo Amaral,

... os símbolos desempenham o papel de guias que representam o esforço coletivo; não são mitos, são reais e, por isso, cantar o Hino (Nacional) com os punhos fechados não é um simples gesto, representa desobediência à ordem estabelecida. A bandeira e a foice são os principais símbolos do MST e devem ser exibidos com orgulho e destaque nas caminhadas, ocupações de prédios públicos, marchas, acampamentos e invasões de terra. A militância precisa de um templo que consolide seu caráter e compromisso com os ideais de uma nova sociedade: a Mística tem essa função! (AMARAL, 1999, p.1).



Dentre os símbolos descritos pelo autor destacaremos nesse artigo *a mística* e sua função como ação pedagógica que ensina e dá forças para que os sem-terra possam revigorar suas forças frente às demandas e bandeiras de luta, a busca constante por uma sociedade mais justa e solidária, bem como o fortalecimento da espiritualidade para continuar a caminhada. Apresenta-se em duas dimensões: enquanto energia intrínseca conduz o militante direcionando-o, dando força para enfrentar a labuta cotidiana da luta, trabalho nos setores, a formação política de novos militantes, as marchas, as mobilizações e outros eventos que surgem na caminhada de luta, pela terra como por uma sociedade justa.

A mística é uma vivência coletiva fundamental para o Movimento, pois possibilita a formação política e ideológica, conforma-se como um esteio por onde os sem-terra compreendem a sociedade capitalista e os seus mecanismos de exclusão por meio de elementos simbólicos acessíveis e apreendidos conforme o grau de entendimento de cada pessoa que a vivencia. O simbolismo presente na mística busca aproximar os sem-terra dos princípios culturais e políticos do MST, sendo, portanto, um importante elemento de coesão que apresenta todos os princípios valorativos do MST através dos cânticos, das encenações; trazendo a força utópica dos sem-terra para continuar na luta. Sendo assim, a mística se caracteriza como uma prática educativa não-formal para alcançar aprendizagens significativas que contribuem para a formação humana em/no Movimento. (TORRES, 2010, p.136).

Para os sem-terra, ao *pensar a mística*, incluem elementos presentes no seu cotidiano, como a luta diária na /pela terra, e contra a exclusão, bem como utopia de uma sociedade mais justa e igualitária, através de conteúdos simbólicos de fácil acesso e, possibilitam com isso, que os companheiros, militantes ou simpatizantes da causa apreendam a realidade, sensibilizando-se da necessidade e possibilidade de mudanças para uma vida melhor.

Leonardo Boff (1999, p.23), traz a seguinte definição para mística:



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A palavra mística é adjetivo de mistério, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado, de uma realidade ou de uma intenção, não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. A pessoa é levada a experimentar, através de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de gestos rituais, uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado e fechado.

A mística no movimento está ligada a uma utopia, a busca de *umpor vir que está distante*. Dessa forma, o MST procura fazer com que os trabalhadores compreendam que o sonho é necessário, bem como a manutenção da esperança de materialização da luta e conquista pela terra, muitas vezes sinônimo de dignidade. Reiterando esse sentimento de esperança e resistência Frei Betto afirma:

Distanciados das utopias, aceitamos a loteria das leis do mercado. Outrora os pobres do mundo podiam ao menos sonhar com um sistema alternativo que devolvesse a todos o que é furtado trabalho de todos e todas, porém, a elite socialista, principalmente a capitalista julgou que a democracia fosse um direito burguês e a participação popular, ameaça ao centralismo. Esticada a corda ao extremo a corda arrebentou-a cabeça dos pobres, que agora contam com suas próprias e frágeis forças para se defender da supremacia do capital. (FREI BETTO, 2001, p. 62).

Comprendemos aqui, que a mística assume um papel de motivação no processo de busca pelos ideais, despertando e avivando a paixão pelo que se sonha, e pelo que se luta. A mística está vinculada a novos sonhos. É um sentimento que impele, mesmo quando derrotados, de não desistir, resistir e retomar a luta, fazer acontecer uma nova realidade. Boff (1999, p.24) a descreve como

[...] o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e movimentos na vontade de mudanças, ou que inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face ao fracasso histórico. Na mística político-social age sempre a utopia.



Nessa visão, a mística assume um sentimento de subversão da ordem, que em oposição ao poder dominante, o militante busca bandeiras libertadoras para uma transformação do “*status quo*” da sociedade, e assim, transformar as derrotas “em combustível” para novas lutas, o entusiasmo infantil, em garra necessária para combater as injustiças e avivar e reavivar os sonhos de uma nova sociedade mais justa.

Bogo (2008, p.127) afirma ainda:

Nas lutas sociais existem momentos de repressão que parecem o fim de tudo. Mas aos poucos, como se a energia misteriosa tocasse em cada um, lentamente as coisas vão se colocando novamente e a luta recomeça com maior força. Esta energia que nos anima para seguir em frente é o que chamamos de “mistério” ou de “mística”. Sempre que algo se move em direção a um ser humano para torná-lo mais humano aí se está se manifestando a mística.

Além do caráter motivador a mística tem um caráter mítico como religiosa “herança” das primeiras ocupações do MST, no Rio Grande do Sul. Os padres da Igreja Católica, principalmente, os ligados à Teologia da Libertação, celebravam suas missas dando ênfase na luta, conclamando o povo para visitarem as famílias acampadas, enfatizando a necessidade e importância desta luta para a libertação dos oprimidos, libertação do povo Sem Terra que partia para a ação por uma necessidade que estava neste mundo, mais que se juntava ao povo de Deus que desafiou o deserto e se libertou da opressão. Silva (2012, p.2) afirma que:

Este primeiro momento desta mística/religiosidade deve ser percebido a partir das necessidades do momento histórico em que nasce o Movimento. Nestes primeiros passos para a organização dos trabalhadores Sem Terra a presença da Igreja Católica e Luterana foi muito importante, pois o estímulo para a luta e para a organização do povo vinha dialogar com as condições sociais em que se encontravam os trabalhadores que frequentavam as missas e os cultos. A religiosidade e a fé na possibilidade de uma vida melhor, mais digna, são fatores



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

importantes para que a Mística seja este forte exemplo da presença religiosa na articulação do MST.

Nesse contexto a influência das igrejas supracitadas assume um papel importante no processo de sensibilização dos fiéis, ante a luta daqueles que nada possuem. Sendo assim, tanto a CPT como os ensinamentos da Teologia da Libertação dentro do MST, colaboraram com a ampliação do significado da mística.

Referindo-se à mística, autores como Caldart (2000), Sousa (2007) e Piana (2000), destacam a sua importância no âmbito pedagógico e cultural para o Movimento Sem Terra.

Segundo Fernandes (1999, p.46),

Essa fértil atividade cultural, desenvolvida em diferentes momentos da vida dos sem-terra: nos encontros, nas escolas, no trabalho, nos acampamentos, nas cooperativas, nos cursos e nas festas, promovem a formação do Movimento, na construção da identidade dos sem-terra. Nas místicas, os adultos, os jovens e as crianças representam seus cotidianos, lembram o passado e imaginam o futuro numa forma de arte e memória. Essas atividades são lições de histórias e de vidas produzidas com sabedoria e irreverência, que vertem esperanças e desafios para transformar suas realidades. As poesias e as canções, os atos e as ações, a bandeira e as palavras de ordem, as manifestações ocorridas na espacialização do MST registram a construção de uma cultura da luta pela terra. As espacialidades de suas ações tornaram-se expressões de manifestação e de resistência, de modo que os sem-terra tornaram-se uma referência de organização para outros setores da sociedade, bem como a imprensa vem utilizando a preposição SEM para se referir a situações de privação e ou de exclusão.

Nessa perspectiva prática da mística, deva ser vista além de uma encenação teatral, com ela os Sem Terra se fortalecem enquanto sujeitos, se firmam identitariamente, afirma valores, levando a quem assiste a pensar para além da apresentação que enxergam.



REFERÊNCIAS

- ARENHART, Deise. **Infância, educação e MST: quando as crianças ocupam a cena**. Chapecó: Argos, 2007.
- AMARAL, Carlos Soulié do. **MST quer luta pela terra por questões políticas**. Disponível em: <<http://www.edição/pano/99/20/ger690.html>>. Acesso em: 21 jun. 1999.
- BOGO, Ademar. **Lições da luta pela terra**. Memorial das letras, Salvador: 2008.
- BOFF, Leonardo, Beto, Frei. **Mística e Espiritualidade**. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- CALDART, Roseli. **Educação em Movimento**. Formação de Educadores e Educadoras no MST. Petrópolis, Ed. Vozes, 1997.
- _____. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo**. Estudos Avançados vol.15 no.43 São Paulo Sept./Dec. 2000 a.
- _____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento à escola**. Boletim de Educação nº 8, São Paulo. Editora Peres. 2001b
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1999.
- FREI BETTO. **Cotidiano e mistério**. São Paulo: Olho D`agua, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MARX, Karl. **O 18 brumário e carta a Kugelmann**. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- PIANA, Marivone. **“Arte em Movimento” no MST: a expressão simbólica das transformações. Movimentos sociais rurais: identidades, símbolos e ideais**. Cadernos de Pesquisa, n. 24, p. 18-30, nov. 2000.
- SANTOS, Arlete Ramos. **Ocupar, resistir e produzir também na educação. O MST e a burocracia estatal: negação e consenso** – 2013. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.
- SILVA, Emerson Neves. **Formação e Ideário do MST. Rio Grande do Sul**: Editora Unisinos, 2004.
- SOUZA, Rafael B. R. de. **Comunicação e cultura subalterna: o papel da mística no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. In: **XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM**, 2007, São Paulo. Anais... São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.
- TORRES, Cristine Lima, **O simbolismo do MST na marcha e na mística: espaço itinerante de formação humana**. **Revista Espaço Acadêmico**–110-ano X-ISSN 15196186.